

PSIQUE: sobre a história de desenvolvimento da alma. (2 PARTE.).

Carl Gustav Carus (*)

Índice.

1.- DA VIDA INCONSCIENTE DA ALMA

- 1.1 Sobre a essência dos primeiros processos de formação do organismo humano
- 1.2 Consideração da primeira instauração da estrutura do organismo, em sistemas diversos, através da ação zelosa inconsciente da ideia
- 1.3 Acerca do caráter essencialmente inconsciente do processo, através do qual, em meio à espécie, ocorra a multiplicação dos indivíduos
- 1.4 Acerca daquilo que, mesmo em uma alma tornada autoconsciente, ainda pertença ao reino da inconsciência
- 1.5 Acerca dos estados doentios que possam acometer à vida anímica inconsciente

1.3 Acerca do caráter essencialmente inconsciente do processo, através do qual, em meio à espécie, ocorra a multiplicação dos indivíduos

No precedente ficara nítido como, em consequência do desejo de devir inconsciente de uma ideia divina, realmente venha a existir um organismo, em si, multifacetado; e isso, através de sua incomensurável instauração à aparência, de uma forma-, uma mônada-, uma célula-primordial. Como, entretanto, a partir de um mesmo organismo surjam, um ou vários novos organismos autônomos e, destarte, sempre novas ideias possam viver-se aí, à preservação da espécie, isso suscita, mais adiante, a questão, que seja igualmente da mais elevada importância à psicologia, acerca de como e por meio disso devesse ser concebida a multiplicação das almas. Neste tocante, encontramos criaturas nas quais, praticamente cada mônada, cada célula-primordial de seu interior, seja capaz de tornar-se um novo organismo autônomo; já outras, que podem ser seccionadas, mediante um corte, e, cada metade, por sua vez, reconstituir-se-á inteiramente e, onde antes zelasse uma alma, ora expressem-se duas. Estes processos, à primeira vista, parecem-nos altamente enigmáticos: acaso uma ideia pode dividir-se? É possível que uma divisão mecânica violenta possa duplicar, quiçá, multiplicar, uma alma? Essas perguntas precisam estar resolvidas, para que não só se torne possível compreender a infinita multiplicação das almas no reino animal, como também, o revelar-se crescente e cada vez maior, de almas humanas, destinadas a alçar à consciência.

Precisamos começar aqui por tornar-nos bem nítida a relação geral existente entre espécie e indivíduo. A espécie (species) é, nomeadamente, em si e para si, algo puramente ideal, que sequer exista, enquanto algo real, manifesto completamente no espaço; mas sempre, só- e continuamente, revele-se na multiplicidade dos indivíduos. Esta relação da espécie repete-se, por sua vez, em certa medida, na do indivíduo às suas partes elementares, às células-primordiais. Através do surgimento, desenvolvimento, da destruição e da reconstituição destas células-primordiais, de fato, a ancestral, continua vivendo-se aí progressivamente tal qual a espécie a viver-se aí por meio dos indivíduos; pois, em verdade, também aqui, recém e essencialmente, também a quintessência plena de toda a miríade dessas mônadas, que reiteradamente desapareçam e

ressurjam, na continuidade da vida, é que apresenta-se o indivíduo propriamente dito; ao passo que o indivíduo, em contrapartida, que concebemos como manifestação temporal individual (pode-se, p. ex., considerar o ser humano ora como criança, homem-adulto ou ainda, ancião), sempre permaneça sendo tão-somente um fragmento da totalidade do indivíduo ideal. A ideia da espécie, portanto, vive-se aí ao tornar-se realidade, na medida do possível, infinitas vezes, em indivíduos singulares; assim como, inversamente, a ideia do indivíduo viva-se aí, à medida que esta instaure-se potencialmente infinitas vezes, enquanto célula-primordial individual ou mona. Em vista disto, tampouco possa falar-se em divisão das ideias, na multiplicação dos indivíduos ou das mônadas, quanto também não seja possível afirmar, que a ideia de um triângulo seja dividida, quando uma porção de triângulos especiais se tornem reais. Como, ademais, cada triângulo que se torne real, justamente porque nele ora se manifeste temporal- e espacialmente a ideia, no fluxo contínuo dos elementos; e, por conseguinte, sempre revele-se, mediante circunstâncias um tanto diversas; e, toda vez, também distinga-se em algo, de cada um dos demais triângulos tornados reais, mesmo que infinitamente diminuto; assim também, cada realização da ideia da espécie, enquanto indivíduo, bem como, cada realização da ideia do indivíduo, enquanto mônada, de algum modo, mesmo que infundamente pouco, distinguir-se-á às demais. Após isso tudo, poder-se-á agora sintetizar essas verdades através da seguinte formulação: inicialmente, por toda a parte, é necessário distinguir entre ideia da espécie, do ser individual e da mônada; isto é, uma estrutura elementar de um ser individual. A cada uma destas ideias, é auferida a potencialidade de revelar-se de maneira infinitamente múltipla. Pode ocorrer que, em um mesmo círculo de seres, haja uma infinita diversidade de espécies; em uma espécie, uma incomensurável quantidade de indivíduos; e, em um mesmo indivíduo, inestimavelmente muitas mônadas. Quanto mais elevado este círculo-de-vida, no qual essa trifurcação de ideias distintas se revele, tanto mais, cada qual divergirá das demais. No contexto da humanidade, cada individualidade é essencialmente distinta das demais, e, da totalidade da espécie; e cada célula-primordial ou mônada, por sua vez, é essencialmente distinta do ser humano como um todo.

Mais adiante, fica evidente ainda que, quanto mais elevado o círculo-de-vida tanto mais definidamente revelar-se-á a individualidade dentro deste; e se, a este respeito, lançarmos um olhar sobre tudo o que seja vivo em nosso derredor, também encontraremos, naquilo que concirna à continuidade e à sempre reiterada realização das ideias, sobretudo, diferenças notáveis e importantes: em relação aos organismos mais ínferos, onde todo o anímico ainda repouse profundamente na inconsciência, tudo o que é real ainda permanece a tal ponto indiferente, que entre indivíduo e célula-primordial, somente ocorra uma diferença mínima. Neste contexto, para o indivíduo multiplicar-se, basta somente que ocorra um seccionamento à revelia ou que, através do próprio impulso inconsciente da ideia, haja um desprendimento natural de uma ou de mais células-primordiais para quê, imediatamente, estas células-primordiais individuais comportem-se assim como o todo – de modo análogo às partes lascadas de uma peça de magneto (imã) que, logo em seguida, agirão tal qual o pedaço remanescente maior do qual procedessem e, portanto, apresentem seus polos sul e norte, bem como, suas atrações e repulsões peculiares, etc. Evidentemente, assim como também poder-se-á afirmar do pedaço maior do imã, que este ainda não seja realmente um todo, isto é, um indivíduo, mas somente, um fragmento de um membro do organismo terrestre; assim também, indivíduos, cuja concepção e multiplicação já seja possível desta maneira, possuem apenas um si mesmo (Selbstheit) mínimo e cada desenvolvimento da ideia, rumo a algum tipo de consciência, permanece aqui, de modo geral, incogitável. Não obstante, é notável que, justamente em função desta sua menor importância no todo, a facilidade da produção, baseada meramente na divisão e separação de células-primordiais, seja diretamente proporcional à descomunal multiplicação destes seres. Neste contexto, inserem-se, nominalmente, os exemplos do mundo dos infusórios, em relação aos quais seja possível calcular que uma criatura desta ordem, em questão de poucas horas, seja capaz de multiplicar-se em milhões de criaturas do mesmo tipo, além de outras coisas mais. O desejo de devir (Werdelust) destas ideias, em relação à quantidade de individualidades, encontra-se, imediata- e diretamente, em relação inversa ao poder e à relevância dos indivíduos, desta maneira originados. Se, em contrapartida, voltarmos-nos aos círculos-de-vida superiores, dentre os quais, o maior seja o da própria humanidade, deparar-nos-emos com algo essencialmente distinto e com uma relação bem curiosa: neste, a energia maior da ideia do indivíduo é que instaura uma poderosa heterogeneidade da totalidade, às partes

elementares do organismo; diversidade esta, cuja consequência seja a de que, embora mui bem algumas destas partes elementares individualmente sejam capazes de, ao multiplicarem-se, continuar e complementar o desenvolvimento do próprio organismo, estas simplesmente não sejam mais capazes de reproduzirem sozinhas, em si e por si, o organismo como um todo, como ocorre, por exemplo, na divisão das mônadas do infusório, com a parte seccionada da ninfa, ou ainda, com o rebento da hidra. Tanto mais vigorosamente evidencia-se aqui, em contraparte, a ideia da espécie e, um novo indivíduo sempre somente poderá surgir, à medida que a própria ideia da espécie se instaure de maneira nova; e é por isso também que, na realidade, esta instauração somente tornar-se-á possível quando a esta não proceda apenas de um único indivíduo; mas sempre, unicamente, através da ação-conjunta de dois indivíduos, cuja díade, nomeadamente, a cada vez, represente a espécie (por isso, o vernáculo formou, de modo mui perspicaz, a palavra “Begattung”, cópula – que preserva a raiz “Gattung”, espécie – NT) e provoque o surgimento do novo; e este, por sua vez, desponta, quando uma parte elementar, isto é, uma célula-primordial de um indivíduo, assumir o conceito de ooblasto, para quê, através dele, não só e justamente, a mesma ideia daquele organismo específico, do qual essa célula-primordial originariamente fora apenas um fragmento, viva- e revele-se aí, mas torne-se uma expressão especial da ideia da espécie, de modo geral.

Portanto, enquanto no primeiro caso, o indivíduo realmente seja capaz de conceber- e de multiplicar-se, na medida em que sua ideia sempre de novo seja instaurada em partes elementares, que somente precisem ser dissociadas, para que a mesma ideia, amiúde, revele-se como um novo organismo; no segundo caso, assimétrico ao primeiro, a espécie somente comportar-se-á generativa- e multiplicativamente, na medida em que sua representação sempre exija, no mínimo, dois indivíduos. Se tornarmos-nos bem nítida essa relação, então será possível extrair muito dela, em parte, à compreensão do significado da geração sexuada e, em outra, ao entendimento geral do círculo-de-vida superior: deve ser evidente por si mesmo, que a ideia de um organismo, que somente possa ser revelada à medida que algo em si somente ideal – a espécie – viva- e instaure-se aí, sempre de novo e peculiarmente dentro desta, precise conter um sentido superior em relação à uma ideia que já, em cada fragmento de seu próprio organismo, seja capaz de multiplicar-se; e que, embora sempre renovada, ainda assim, somente e reiteradamente, possa viver-se aí da mesma maneira. Igualmente, por conseguinte, a geração sexuada adquire agora um significado superior, pois, por meio dela, ambos os organismos de fato reais, que procriam, representam um ideal – a ideia da espécie, que, em si e para si, jamais manifeste-se corporalmente e, destarte, oferecem ensejo para que, amiúde, uma ou várias, das infinitas ideias de indivíduos, contidas no conceito da espécie, doravante realmente, possam chegar à manifestação.

Em relação a isso, de modo geral, as elucidações trazidas pelos avanços da fisiologia mais recente, acerca do processo de desenvolvimento do ser humano, são muito instrutivas; todavia, elas próprias, recém alcançam sua interpretação correta, a partir do aqui exposto. De fato, é fascinante, que em todas as criaturas superiores, que somente se reproduzam por acasalamento e, nomeadamente, no ser humano, igualmente no início formem-se certas células-primordiais sendo que, cada qual, tenha o significado de, futuramente, a partir de si mesma, desenvolver um indivíduo totalmente novo: estas são os folículos dos ovários femininos. Desta feita, portanto, também os organismos superiores parecem repetir àqueles inferiores, nos quais, células-primordiais individuais se dissociem para que, logo a seguir, a partir delas, a ideia da criatura como um todo novamente possa viver-se aí; aqui, todavia, no contexto dos organismos superiores, já não é mais possível falar, de modo algum, de um desenvolvimento imediato, haja vista que jamais, desde tal mônada, desenvolva-se um indivíduo humano novo, sem antes revelar-se dentro dela, a quintessência da espécie, à medida que, no mínimo, uma daquelas células-primordiais vivas, secretadas pelo corpo masculino como espermatozoides, tivesse entrado em contato direto (com um óvulo), naturalmente, em si e para si, de modo inteiramente inconsciente. Ao sabermos, portanto, que nem da mulher e nem do homem, isoladamente, verdadeiramente surja o novo indivíduo, mas que este somente seja instaurado como uma revelação individual especial da ideia da espécie, por meio de certa colaboração inconsciente entre ambos, de modo que, sempre, a partir de dois fatores, resulte um terceiro, inteiramente novo e peculiar; então também, imediatamente, será possível compreender a curiosa independência da ideia, em vias de revelar-se de maneira nova, face a ambas as ideias individuais que a gerassem. Já aquela estranha lei detectada por HUFELAND [29], acerca da

equivalência numérica entre os sexos, por meio da qual, a humanidade seja preservada, independentemente das variáveis condições distintas de reprodução, somente pode ser entendida, a partir das considerações feitas aqui; e também, somente a partir daqui, torna-se plausível o porquê de, não obstante ao fato de que sempre algo familiar das almas geradoras seja compartilhado à ideia prestes a revelar-se novamente, ainda assim, cada nova ideia a surgir, sempre também denuncie algo primordialmente-original e, muitas vezes, mui caracteristicamente marcante.

Através de cada ato, portanto, por meio do qual a ideia da espécie humana se incorpore, se torne real, também reiteradamente começa a viver-se aí outra, dentre as ideias infinitas, inerente à ideia-total da humanidade; e, por conseguinte, não pode restar inteiramente qualquer dúvida, de que a maneira pela qual a humanidade se realize, em cada ato, quer seja mais potente- e significativamente ou débil- e inferiormente, permaneça de suma importância, para evocar e possibilitar que uma ideia adentre à realidade, dotada de uma energia e beleza maior ou mais incipiente e menor.

Se, destarte, tornara-se nítido, de modo geral, como, somente em função de um processo, que igualmente pertença à esfera da vida anímica inconsciente (pois, aquilo que recaia à esfera da consciência daqueles que procriem, na conjunção sexual, de modo geral, nada tem a ver, em si e para si, àquele contato, por meio do qual, uma nova vida seja condicionada, haja vista que este último suceda, ademais, somente um a dois dias depois [30] da cópula e sempre ocorra somente no interior do organismo feminino), sempre e amiúde, ideias contidas no número infinito de ideias inerentes à ideia da humanidade, comecem a viver-se aí; logo, isso requererá que, a seguir, ainda chamemos a atenção a algumas condições especiais, a serem levadas em consideração, acerca desta questão.

Primeiramente, também caracteriza a dignidade superior da ideia da humanidade, nomeadamente, que a força de seu desejo de devir aja através de sempre novas realizações de seus indivíduos, quando comparada a círculos de vida inferiores, onde, por um lado, ocorra uma percentagem bem mais limitada de produtividade; e, por outro, a potencialidade do ato e contato inconsciente, das partes-primordiais referidas, que representam a espécie, esteja necessariamente somente atrelada a certos círculos de vida de indivíduos e ao desenvolvimento progresso da consciência. A descomunal multiplicação de indivíduos, onde, em pouco tempo, uma única e mesma ideia de vida menor, se replique exponencialmente à miríade, seja por divisão e descolamento direto de células-primordiais; ou ainda, por meio da procriação, como essa ocorra, nos níveis inferiores do reino animal, é totalmente estranha à humanidade e se repete, neste contexto, no máximo e tão-somente, no rápido aumento das células-primordiais, no interior do indivíduo, a saber, em seus primeiros processos vitais (mencionados acima) e, verdadeiramente, ao longo de toda a formação progressiva do organismo. Em segundo lugar, no que concirna àqueles círculos-de-vida em que se requeira que indivíduos de fato procriem, ocorre amiúde, uma relação bem peculiar entre consciente e inconsciente: se, efetivamente, estimulado pelo contato totalmente inconsciente das células-primordiais, comece a viver-se aí, uma nova forma da ideia da humanidade, isto é, conforme encontráramos, no início, igualmente totalmente desprovida de consciência, então também é certo que, nessas fases iniciais de sua existência, nos níveis em que os organismos inferiores já comecem a multiplicar-se desmedidamente, essa, ainda assim, seja inteiramente incapaz de procriar; antes, sobretudo, ela necessariamente precisará ser desenvolvida à consciência plena, quando, só então, será madura o suficiente para, reiteradamente, no encontro com outra ideia igualmente consciente, desencadear àquele contato inconsciente, por meio do qual, amiúde, uma nova ideia possa ser chamada à vida. Também aqui, portanto, manifesta-se de novo, esta circulação que parte do inconsciente, passa pelo consciente, para então, retornar novamente, ao inconsciente.

Finalmente, não é possível aprofundar-se mais na consideração do tipo e da maneira pela qual indivíduos infinitos, em meio à humanidade, possam vir a realizar-se reiteradamente, sem, ao mesmo tempo, também, empenhar-se pelo entendimento mais acurado das causas dessa descomunal heterogeneidade entre estes; pois, mesmo que se tenha clareza de que, por razões superiores, nada daquilo que tenha se tornado real no mundo, possa ser completamente idêntico a outro; ainda assim, sobreleva uma heterogeneidade entre almas e formas de vida humanas, que, quando comparada aos bilhões, somente, cada vez mais nítida- e poderosamente, faça-se denotar.

Uma reflexão mais precisa sobre essa heterogeneidade das almas humanas, por conseguinte, ensinar-nos-á, que essa sempre remonta a um duplo fundamento: por um lado, aquele que se situe no pensamento primordial de Deus, acerca da humanidade; e outro, que refira-se às condições fáticas, sob as quais estes pensamentos vivam-se aí. A ideia da humanidade – enquanto espécie – necessita, nomeadamente, conquanto seja uma ideia dotada de energia divina superior, mais do que qualquer outra sobre à qual tenhamos experiência, sobretudo, conter já em si, infinitas potencialidades de ideias individuais; e, justamente em função de sua energia superior, de modo geral, também àquilo que seja diferente nessas individualidades, tanto mais vigorosamente fundar-se-á neste próprio pensamento primordial de Deus; sim, verdadeiramente, assim como a maior quantidade de unidades, abarcadas pelo conjunto maior, distinga-se da do menor, assim também, essa manutenção de uma maior diferença de individualidades, documenta principalmente a energia mais elevada do pensamento fundamental da humanidade, em termos gerais. Uma antítese primordial, que notamos primeiramente e que permeia toda essa infinidade de ideias individuais, intrínsecas à humanidade, e reproduza o maior dualismo do mundo, é aquela entre ideia e éter – purusha e prakriti, de acordo à filosofia hindu –, e forma e substância –; a saber, a contraposição entre masculino e feminino. Por isso, em seu constante renascimento, a humanidade vai progressivamente se bifurcando em duas metades numericamente essencialmente homogêneas, do masculino e do feminino; e, por conseguinte também, continuamente, este próprio renascimento sucede, por sua vez, a partir da sempre renovadora reunião destas metades separadas, naquele modo inconsciente discutido acima. Somente mediante esta necessidade inextricável de dividir um todo maior, primeiro, simetricamente, em dois grandes polos antitéticos, no interior de sua própria unidade, é que encontra-se justamente a única razão suficiente para explicar em sentido teleológico àquela curiosa equidade numérica entre os sexos, reconhecida e comprovada pela primeira vez por HUFELAND; além do quê, trata-se de uma justeza quantitativa que, por conta disso, de modo algum, é própria às demais ordens do que seja vivo, pois ali encontramos ora uma preponderância de um dos sexos ora de outro.

Em meio à essa primeira contraposição, que perpassa a humanidade como um todo, surgem, mais adiante, múltiplas outras, sendo que também essas ora se encontrem fundamentadas diretamente na própria ancestralidade da ideia dos indivíduos e ora sejam alçadas e despertadas, por toda parte, pela diversidade e dinâmica da vida. Formam-se, dessarte, uma série de círculos concêntricos, uns dentro dos outros; não obstante, sempre sobreleva-se uma lei bem determinada, qual seja, a de que, quanto mais robustamente desenvolver-se a vida consciente do espírito, dentro do respectivo círculo, tanto mais decisiva será antítese entre os indivíduos e, tanto mais nitidamente, destacar-se-á, a heterogeneidade das naturezas humanas. Em relação àquela mais primordial dentre todas as polaridades da humanidade, totalmente fundada no inconsciente – a antítese entre o masculino e o feminino –, decorre desta lei, tendo em vista que houvera sido determinado ao gênero masculino, particularmente, um maior desenvolvimento do espírito consciente, que isso também implique a fundamentação e revelação de uma heterogeneidade maior entre seus indivíduos, quando comparada ao feminino; a mesma lei vale igualmente para os círculos das diversas faixas-etárias; inclusive, àquelas etnias essencialmente distintas da humanidade, em decorrência da influência diversa da natureza terrestre. Na idade mais indiferente da infância, os indivíduos ainda são pouco distintos entre si; enquanto que, na idade em que o espírito consciente venha à tona mais vigorosamente, as individualidades também passem pela maior diástase; assim como, evidentemente, justamente pela mesma razão, recém nessa época, tornem-se capazes de exercer uma maior atração entre si. No que diga respeito às etnias humanas, estas se estratificam de acordo aos quatro estados ininterruptos da rotação do planeta, a saber, dia e noite, aurora e ocaso que implicam as quatro grandes subdivisões entre povos diurnos e noturnos, por um lado; orientais do sol-nascente e ocidentais do sol-poente, por outro [31]; logo, é natural que, nos povos diurnos, o dia da alma – a consciência – também constitua-se mais plenamente e também, por isso, as peculiaridades dos indivíduos distingam-se mais marcadamente; ao passo que, entre os povos noturnos (negros), já encontre-se dada, nas predisposições mais primordiais da alma, uma uniformidade decididamente maior.

Se, portanto, já desperte a atenção, em meio à humanidade, uma diminuição da acurácia da individualidade, segundo a energia dos círculos de vida em que essa se encontre, tanto mais chamará atenção, se mirarmos a partir desta perspectiva, os círculos-de-vida do mundo da fauna. Somente na humanidade predomina

aquilo que, segundo uma de nossas deduções anteriores, denomináramos de “a personalidade”, enquanto ápice de toda a individualidade; já no mundo animal, em contrapartida, desaparecem, mais e mais, aquelas polaridade contrapostas primordiais da individualidade, quanto menor seja a ideia de vida das respectivas espécies: uma indiferenciação, cada vez mais decisiva, caracteriza uma infinita repetição, da mesma forma de vida; e, inclusive, a própria oposição entre os sexos, extingue-se finalmente, nas regiões mais remotas, onde, a partir de então, às vezes, esta somente conserve-se na antítese entre órgãos reprodutores conjugados, dentro de um e do mesmo indivíduo.

Fora dito, não obstante, que uma diversidade individual mais robusta das formas de vida individuais não seja unicamente dada pela peculiaridade do primeiro pensamento divino; mas, que o intercâmbio com outras formas de vida – aquilo que entendemos sob conflito com o mundo exterior – igualmente possua uma participação poderosa, no sentido de permitir com que a peculiaridade do modo de viver-se aí de uma ideia desponte com maior vigor. Todavia, também aqui, tudo depende especialmente da importância interna superior ou inferior do círculo de vida, ao qual o indivíduo pertença, para que tais condições exteriores possam contribuir mais ou menos à acuracidade da individualidade. Quanto maior a energia de uma ideia tanto mais abrangente sua história, bem como, o círculo de possibilidades, dentro das quais sua revelação possa alterar-se.

Portanto, o tipo e o modo através do qual um organismo seja envolto, ao longo de sua formação; respectivamente, como este entorno o influencie, fomentando- e favorecendo ou estorvando- e prejudicando-o, pode e precisa modificar sua peculiaridade, da maneira mais significativa; assim como, sua manifestação espacial, também a sua vida anímica, mesmo aquela ainda inconsciente, transformar-se-á, o mais inusitadamente, de acordo às diferentes influências que lhe sobrevenham. Todos os organismos, todas as almas, de uma ordem superior, destarte, possuem em si e em torno de si, e vice-versa, também um espectro mais amplo de potenciais dispersões e oscilações. No ser humano, na alma humana individual, esta diversidade é ingente e pode ser provocada, não obstante a mesma pré-disposição primordial, pela variedade das influências, já desencadeadas durante a sua primeira formação inconsciente; enquanto que, por exemplo, no inseto, no verme, e em todas as demais almas individuais de importância menor similar, mesmo as influências mais diversificadas, serão incapazes de suscitar uma diversidade maior e mais essencial.

Que estas considerações possam ter sido suficientes para proporcionar uma noção acerca do tipo e da maneira pela qual uma alma revele-se, uma após a outra, na sequência incomensurável das mais variadas espécies; e também, possam haver proporcionado, uma comprovação provisória suficiente, das razões que determinem a heterogeneidade das almas individuais.

1.4 Acerca daquilo que, mesmo em uma alma tornada autoconsciente, ainda pertença ao reino da inconsciência

Quem acompanhara atentamente as considerações anteriores; quem, a partir de agora, esteja ciente de como nós mesmos – por exemplo, como um cristal, que desponta de modo inconsciente, segundo a ideia de sua formação geométrica – víssemos a ser, surjamos e continuemos a existir aí, por meio da ação zelosa totalmente inconsciente; isto é, a partir do primordialmente divino em nós, este também logo convencer-se-á mais de perto do poder que, ao lado do espírito consciente, continuamente, o inconsciente deva e precise manter dentro de nós. Desenvolver e reforçar essa convicção, em detalhe, deverá, por conseguinte, tornar-se a tarefa especial da presente seção. Antes de tudo, parece importante para este fim, indicarmos mais pormenorizadamente que o inconsciente de nossa vida anímica não só atue de um modo, mas de múltiplos.

Em parte já fora possível, não obstante, até aqui, também chamar a atenção a tais heterogeneidades no inconsciente; agora, entretanto, quando nos propomos a contemplar e sistematizar, retrospectiva- e panoramicamente, amiúde, do alto do espírito consciente, todas as formas de ação inconscientes do divino inato, em nosso ser, não poderá passar-nos despercebido, que tais diferenciações sejam necessárias aqui, à integralização de um reconhecimento científico.

Primeiramente, em verdade, somos forçados a admitir que haja uma região da vida anímica, na qual, realmente, não penetre nenhum raio sequer da consciência – e que, por conta disso, possamos denominá-la de o inconsciente absoluto. Todavia, este inconsciente absoluto ou ainda se espraia por sobre toda a ação zelosa da ideia, somente dentro de nós mesmos e, neste caso, chamemo-lo de geral. Destarte, já o encontramos na existência embrionária – quando esse se referisse exclusivamente à ação providente da ideia na formação – e que, justamente por isso, ainda não pudéramos, verdadeiramente, caracterizá-lo sob o nome de – alma; ou este inconsciente absoluto, já não abranja mais só- e exclusivamente o caráter de toda a vida anímica, mas desenvolvera, de algum modo, uma consciência, isto é, a ideia realmente tornara-se alma; entretanto, mesmo aqui, todos os processos formativo-destrutivos e restauradores da vida, ainda ocorrem totalmente sem qualquer coparticipação da consciência; e, dessarte, tal inconsciente já não é mais um geral, mas somente um parcial. Em contraposição ao absoluto, ou pura- e simplesmente, ao inconsciente, isto é, porquanto, às vezes, seja reconhecido mais como geral e, em outras, como parcial, encontra-se o inconsciente inconsciente relativo; ou seja, aquela área de uma vida anímica, que realmente já alcançara à consciência e que, não obstante, possa novamente, por algum tempo, tornar-se inconsciente, mesmo assim, amiúde retorne à consciência; uma área que continuamente abarcará, na alma totalmente madura, ela própria, a maior parte do mundo do espírito, porque nós somente podemos, à cada íterim, realmente captar e manter presente, uma fração proporcionalmente ínfima da totalidade do mundo de nossas representações.

Nas considerações a seguir, será nossa tarefa principal, detalhar e descrever mais pormenorizadamente em que consista a relação deste inconsciente absoluto, ainda que somente parcial, àquilo que paralelamente seja capaz de alçar consciência e realmente a alcance. Naquilo que concirna ao absoluto, respectivamente, ao inconsciente geral da alma, durante o período de formação embrionária; isto é, naquela vida maravilhosa em que a ideia, enquanto pensamento basilar divino, de toda uma existência humana, se encontrara ainda tão cheia de mistério e retraída, repousando em si mesma e, mesmo assim, prometicamente, desdobrasse toda a estrutura singular do organismo, dentro da qual, posteriormente, o espírito consciente dever-se-ia excitar e desenvolver; pois bem, sobre este se estende, bem essencialmente, o véu de Ísis, que jamais, verdadeiramente, poder-se-á desvelar à consciência; nem por isso, analogias e comparações, nos levam também, sob este aspecto, ao ponto de podermos saber, que tanto aqui quanto acolá, vija zelosamente uma e a mesma inteligência, que age providente- e verdadeiramente enquanto “pensar inconsciente”.

Já mais compreensível ao espírito consciente, torna-se aquilo que acima chamáramos de inconsciente parcial; pois, quando (algo que trataremos mais adiante) o raio da consciência houver sido incandescido, este imediatamente também tornará bem mais objetivo o inconsciente aqui em questão, como por exemplo, a luz acesa recém torne bem nítida e reconhecível a noite, em sua escuridão. Ao âmbito deste inconsciente absoluto parcial, por conseguinte, recai sempre tudo àquilo que ainda lhe pertença, do inconsciente geral e absoluto. Portanto integram-no, todos os processos de formação, tudo que se refira ao crescimento, alimentação, vida-sanguínea, respiração, secreção; ao passo que, no sistema que denomináramos de puramente anímico, isto é, o nervoso e o sensorial, exclusivamente, desenvolve-se a pleno, o âmbito da vida anímica consciente. Nesse contexto, ademais, jamais dever-se-á ignorar, que também essa forma do inconsciente, sempre seja um raio da mesma alma, o qual realmente se revele n’outra região, enquanto consciência; e, justamente por pertencer de fato à mesma alma, também todas as suas repolarizações precisam, de alguma maneira, fazer-se valer, de modo geral, em todas as regiões da vida anímica; e, por conseguinte também, de algum modo, inclusive na consciência. Àquilo que chamamos de mundo dos sentimentos do espírito, torna-se explicável, principalmente, por meio destes reflexos. Dessarte encontramos, por exemplo, que, somente em razão de uma preponderância da vida digestiva, a mobilidade e leveza da vida representacional, possam ser perturbadas, à medida que uma disposição alterada da vida-sanguínea não deixe de incidir sobre o humor do espírito etc. Isso porque, uma reverberação mais intensa, a partir destas regiões abaçanadas ao alto, às lúcidas da consciência, faça valer-se lá, bem precisamente, através de sentimentos variados. Como já observáramos anteriormente, que justamente em função disso, muitas vezes, buscasse-se encontrar, através de conceitos não depurado como um todo, erroneamente, somente provas dos diferentes tipos de trânsito entre o somático e o espiritual; enquanto que nós agora, após os esclarecimentos precedentes, facilmente tomamos ciência de que, verdadeiramente sempre, em tais relações, única- e exclusivamente, somente possa

falar-se da circulação entre certas regiões inconscientes e outras conscientes, da vida anímica; sendo que ambas, sempre somente sejam raios distintos do mesmo divino e uno. A relação próxima deste, aparentemente inferior, isto é, do inconsciente parcial, ao superior, à consciência pura do espírito maduro, ademais, talvez possa ser ilustrada mais nitidamente, comparáramos a expressão da vida anímica plenamente consciente, à ponta rutilante de um domo gótico, que atraia o olhar à riqueza de seu ornamento e à sua forma geral, que aspira ao céu; o qual, não obstante, não reluziria ou adquiria sua beleza, nem sustentar-se-ia em seu alto, não fora seu fundamento, que repousa invisível, profundamente, sob à terra (aqui, como metáfora do inconsciente absoluto), que, por toda a parte, sustente- e afeire-o inteiramente, por meio de seu apoio e assentamento técnico interior na obra, à base de muros e ferragens. Realmente, bem da mesma maneira, como aquele lado externo cintilante de uma construção dependa de seu fundamento invisível, assim também, todas as qualidades supremas e excelsas da vida anímica consciente, dependem de uma miríade de relações com o inconsciente da alma; e, assim como aquela ponta do domo, da catedral gótica, fatalmente ruia, somente mediante o rompimento de apenas um de seus engates de ferro ou o deslocamento de apenas uma de suas pedras angulares; assim também, imediatamente desaparecem as brilhantes manifestações do espírito, tão logo, o menor óbice obstrua a ação inconsciente da alma, como ocorre por exemplo, no modo em que conduza a circulação-sanguínea do coração ou administre a alternância da respiração. Isso tudo, entretanto, comumente, de modo algum, é levado suficientemente em conta; ou, quando seja considerado, é atribuído a uma dependência lastimável do espírito ao corpo; ao passo que, ao olhar daquele que aprendera a compreender essas manifestações em sua totalidade, isso tudo deva parecer um sinal belo e necessário da fundamentação conjunta de ambas as esferas da vida anímica, da consciente e da inconsciente, em uma e mesma essencialidade ou ideia divina.

Certamente, esses assuntos são da mais insigne importância à possibilidade de empreender-se uma psicologia, verdadeiramente científica; e, justamente por isso, grande parte deste escrito propor-se-á, por tarefa bem-especial, irradiar uma luz mais radiante sobre essa questão.

Por isso, definitivamente expressamos, amiúde, que, àquele que consiga captar, do altiplano, inconscientemente desenvolvido, do mundo consciente do espírito, tais processos maravilhosos e misteriosos, do mundo inconsciente da alma – sobre os quais, o mundo consciente do espírito, fora um arco-íris radiante, mantenha-se suspenso, somente levemente móvel, ante um paredão atro de chuva –, este já houvera sido auxiliado substancialmente, em seu reconhecimento, e não passar-lhe-á despercebido, que, quanto mais aprofundar-se nesses assuntos tanto mais sobejar-lhe-ão resultados mais relevantes.

Voltemos, pois, toda nossa atenção inicial, mediante raciocínio refinado consciente, à progressiva introdução aos processos sem consciência de nossa vida anímica; recapitulemos reiteradamente, que, no período de vida embrionário, quando todas as predisposições inatas (potentiâ) espirituais superiores já devessem estar presentes; e também desenvolvida, a maior parte da formação peculiar dos nervos e da cabeça, que tornar-se-ão os principais mantenedores destas disposições inatas; a alma, ainda assim, mesmo mediante tudo isso, somente aja zelosamente sem consciência –; logo, chegaremos à conclusão de que este pensar da alma desprovido de consciência, na modelação e remodelação de nosso organismo, igualmente traduza-se à vida anímica consciente. Pois Schelling já afirmara, belissimamente, sobre a ação providente da natureza em geral: “toda a dinâmica e atividade, toda a excitação de vida, também da natureza, somente seria um pensar sem consciência ou ocorreria sob a forma do pensamento; quanto mais demonstrar-se a normatividade na natureza tanto mais espiritual parecerá seu efeito; já os fenômenos ópticos seriam inteiramente uma geometria, cujas linhas seriam traçadas pela luz; e, ‘a teoria perfeita da natureza, seria aquela, em função da qual, toda a natureza se dissolvesse em uma inteligência’”. [32] E quem poderia reconhecer o mundo como manifestação, como revelação de um divino, sem que houvesse sido trespassado profundamente pela necessidade da inteligência interior de toda a vida natural!

Inicialmente, portanto, tenhamos presente, de modo completamente nítido, como também naquela alma, na qual a luz da autoconsciência realmente alvorecera parcialmente, ainda assim permaneça, em sua maior parte, retida à noite da ausência de consciência. Se, por conseguinte, examinarmos mais a fundo a peculiaridade dos diferentes círculos deste âmbito sem consciência, por exemplo, os ciclos vitais dos processos

de formação, de contínua construção e destruição, e compararmo-los àquilo que sobre-entendemos por consciente, então, logo a seguir, também destacar-se-ão diafanamente diversos outros momentos importantes de distinção entre consciente e inconsciente: primeiro, convencer-nos-emos de que, tão longe quanto este reino da ausência de consciência se estenda, também impere a necessidade; enquanto que, imediatamente, junto à aurora da consciência, também seja fundamentada a liberdade. Desde aqui, logo, encontram-se datadas simultaneamente as antíteses, da mais elevada relevância, à compreensão subsequente da vida anímica: tudo aquilo que se forme dentro de nós, originariamente, sem consciência, vive-se aí enquanto revelação de um divino, cuja razão determinante encontre-se tão fora de nossa existência individual quanto seu reconhecimento também jamais possa ser totalmente alcançado, pelo espírito individual. Nessas regiões, portanto, não é possível falar-se de vontade individual; e isso porque, a vontade pressupõe o reconhecimento – e aqui ainda não há reconhecimento –; mas, sobretudo, porque aqui instaure-se incondicionalmente certa necessidade estranha ao nosso reconhecimento e vontade, a qual, conquanto ainda mantenha-se como o único fundamento determinante, da maior parte da alma inconsciente, simultaneamente também, precisará exercer certa influência sobre a liberdade daquela parte da alma desenvolvida à consciência. Justamente, por isso, instaura-se, haja vista que toda nossa existência psíquica continuamente oscile entre inconsciência e consciência, um constante pendular entre arbítrio e coerção, liberdade e necessidade, que, imutavelmente, seja-nos auferido à totalidade de nossa vida.

Quão imanes, por conseguinte, sejam as elucidações que resultem deste ponto de vista, à totalidade da área da psicologia, isso cada qual poderá imediatamente estimar, à medida que, ao menos uma vez, tivera tentado tornar-se nítido, como a dicotomia entre coação e arbítrio ou, entre necessidade e liberdade faça sentir-se em todo o universo; e o que confere, pois, tamanha relevância e essa posição tão sublime, à aparentemente tão débil e insignificante individualidade do ser humano, ante aos corpos celestes em movimento e aos elementos frementes, senão a consciência de que todas essas massas descomunais obedeçam à lei surdamente da necessidade, ao passo que aquele um indivíduo, solo, seja alumidado pela luz da liberdade!

Todavia, aqui também precisar-se-á considerar àquilo, mais acima já parcialmente discutido, a saber, que nós apenas condicionalmente temos causa para alçar a liberdade acima do reino da necessidade. Já mostráramos, que o inconsciente, e por conseguinte, aquilo que seja determinado pela necessidade, contenha em si, por sua vez, justamente porque segundo sua essência seja algo divino, uma segurança, sabedoria e beleza, à qual o consciente e livre, mesmo em seu píncaro supremo, jamais será capaz de alcançar plenamente, na mesma medida. Lá onde o pensar consciente oscila e talvez acerte duas vezes o falso e somente uma vez, o verdadeiro, mesmo querendo o certo; lá a ação zelosa inconsciente da ideia segue com a maior determinação e profundidade – conforme nossa compreensão, mediante sabedoria inconsciente –, seu passo totalmente bem adequado; e forma seu ser aí, muitas vezes, com uma beleza que, em toda sua abrangência, jamais possa ser captada pela vida consciente, quiçá, imitada.

Portanto, recém quando desta maneira aflorar novamente na consciência e liberdade, a devida reverência face ao inconsciente e ao necessário, é que também tornar-se-á possível atribuir a todas essas considerações aquela consequência, que tanto mais precisemos reivindicar, haja vista que antes tornara-se nítido que o saber, quando este, a partir da consciência, trespassa o inconsciente, tanto mais certamente alcançará seu alvo supremo, quanto a técnica somente então verter-se-á em arte suprema, e dessarte seja capaz de, desde o consciente, amiúde, tornar-se inconsciente.

O psicólogo, por conta disso, em relação ao reino da inconsciência, precisa, sobretudo, esclarecer quão variada- e peculiarmente combinada, inteiramente permeada pela interiorização do precedente e pela intuição do vindouro, ininterruptamente, a ideia-de-vida de nossa existência, atua nos processos de formação e de transformação de nosso organismo. Quanto mais a(o) psicóloga(o) introduzir-se ao reconhecimento da singularidade deste mundo inconsciente tanto mais obterá resultados compensadores: uma das primeiras observações, que, neste tocante, impor-se-lhe-á, é a de que a essencialidade (Wesenheit) eterna da alma tanto mais opere no inconsciente que no consciente, à medida que nele não ocorra nenhum instante de paralisação, nenhuma interrupção; mas, manifeste-se nele, pura e simplesmente, ao longo de toda a vida, um ímpeto constante absoluto à atividade; ao passo que a consciência não seja capaz de manter essa constância; porém,

a partir de causas que contemplar-se-á mais adiante, quando da ponderação da vida consciente, necessite de um retorno periódico ao inconsciente; regresso este, que caracterizamos sob o nome de sono. Disso resulta ainda, outro resultado fascinante – e haja vista que até hoje esse caminho da análise fora, de modo geral, totalmente negligenciado, portanto também, jamais honorado devidamente –, qual seja, o de que, a todo o âmbito da vida anímica inconsciente, sequer se aplique o conceito de cansaço; mas que este somente ocorra, lá onde o inconsciente encontre-se especificamente combinado ao consciente ou, quando esteja em questão, somente o consciente. Dessarte, portanto, as correntes de líquidos fluem sem descanso dentro de nós e, ininterruptamente, bata a pulsação do coração; como também, a respiração dos pulmões e a secreção das glândulas; e não acontece nenhuma parada, nem fadiga, em todas estas manifestações de vida da esfera inconsciente da vida anímica; um aspecto que tanto mais deverá parecer-nos curioso, quando levarmos em conta, por exemplo, quão rapidamente outros músculos se extenuem, se sujeitos à atividade prolongada; e o quanto todos os demais processos da consciência em nós, necessitem uma constante interrupção e revigoramento. Pela mesma razão, todavia, também encontramos que, da mesma maneira, ainda tantos outros conceitos, emprestados da vida anímica consciente, simplesmente não possuam qualquer aplicação ao inconsciente, como por exemplo, o do aprendizado gradual, do treinamento, da competência etc.

Qualquer coisa que, portanto, de algum modo, se passe no reino do inconsciente e que, portanto, pertença à necessidade, não requererá aprendizado penoso, nem precisará ser treinado, para transformar-se em competência; leve- e diretamente, tudo aqui é ensaiado e executado, segundo à essencialidade, justamente daquela respectiva forma de ser definida; e, assim como o cristal justamente dispare, daquele modo singular, porque simplesmente não possa d'outro modo, assim também, o organismo mais elevado, não carece de nenhum preparo especial de seus processos de vida inconscientes; antes, executa-os sem delongas, porque esses, somente destarte, pertençam à peculiaridade de sua vida. Tudo isso é de extraordinária importância à avaliação condizente à natureza da vida anímica e será primoroso, tão logo chegarmos à ponderação dos processos vitais na alma animal, ao mais elevado fomento da melhor compreensão possível.

Quando, todavia, acima fora mencionado, que o consciente esteja para o inconsciente, como o livre, ao necessário, de modo algum falara-se, mera- e unicamente, de qualquer ação ou atividade da vida madura; e sim, simultaneamente, precisamos relembrar daquilo que – e ademais, já resultara essencialmente da história do desenvolvimento progressivo primitivo do organismo, a partir da ação zelosa inconsciente, absoluta e geral, da ideia – refira-se, nomeadamente, à necessidade e à coação, em função da qual, cada indivíduo precise ser, à sua maneira, especial e peculiar; e também, cada alma somente possa desenvolver-se como uma especial, só- e unicamente, por originar-se do reino do inconsciente. É isso que Goethe, mais ou menos, chama de “demônio” (Dämon) dentro de nós, quando diz:

Acorde à lei, que ao mundo vieste,
assim precisas ser, não poderás esquivar-te de ti mesmo;
e tempo ou poder algum fragmentará,
a forma cunhada, que, vívida, se desenvolva.[33]

Na medida em que, do precedente, tornara-se evidente, que toda a vida anímica consciente, somente possa constituir-se gradativamente, a partir do inconsciente absoluto da ideia; que, somente através desta percepção inconsciente opaca, o sentimento de si mesmo e, em seu grau mais elevado, a autoconsciência, possam demandar; bem como, da interiorização, a memória [34]; da atividade necessária, a ação-livre; e, assim também, ora precisar-se-á também reconhecer-se, que certa peculiaridade necessária primordial do inconsciente, tornar-se-á a condição para que, justamente dessarte, todas as moções individuais da alma consciente, assumam determinada coloração permanente, certa singularidade necessária, desde o inconsciente; e é precisamente isso, que comumente caracterizamos sob o nome inato; ou seja, tratam-se de predisposições da alma que encontram-se em relação, exata e justa, à organização corporal; e que, por conseguinte, à medida que façam-se valer, sobretudo também, na vida anímica consciente, logo serão discutidas mais de perto, na parte que trata especificamente da vida anímica consciente.

Contudo, não é só o inconsciente absoluto, à medida que este seja a base, a partir da qual, posteriormente, a consciência se desdobre e, conquanto este ainda persista, ao lado desta, que deva ser reconhecido na alma; mas também, o inconsciente relativo ou secundário, ao qual, o consciente, periodicamente, sempre de novo, retorne. Bem assim sucede com o agir inteiramente inconsciente, efetivamente, de todos aqueles sentimentos e reconhecimentos, que já alguma vez antes chegassem à consciência, mas que, em seguida, voltassem a dormir inconscientemente na alma, na medida em que estes interfiram continuamente na vida anímica consciente quanto naquilo que denominamos de vida anímica inconsciente absoluta, ora fazendo-lhe bem e estimulando-a, por meio do regrado e do belo e ora perturbando- e obstruindo-a, através do tosco e deselegante.

Quando agora encontrarmos este inconsciente secundário, somente periodicamente unido inteiramente ao inconsciente absoluto e primário, na mesma vida anímica; e, se este inconsciente absoluto seja justamente aquilo que determine essencialmente a formação e a transformação do organismo; logo, resultará também nitidamente, porque essas moções da alma, outrora conscientes, ora todavia, novamente reimersas à inconsciência, possam e precisem, essencial- e continuamente, exercer sua influência sobre a nutrição e o desenvolvimento do organismo. Um exemplo poderá ilustrar, mais nítida- e compreensivamente, àquilo que temos em mente: imaginemos um ser humano instruído à contemplação depurada do belo e do verdadeiro... em sua alma, sob cuja ação inconsciente absoluta previamente erigira-, consolidara- e continuamente mantivera-se, uma organização bem-sucedida, repousa uma plêiade de representações, sensações, pensamentos, dentre às quais, somente algumas poucas, simultaneamente, em um mesmo instante, acessem sua consciência; não somenos, ainda assim, todos estes tesouros, ora ignorados, não permanecer-lhe-ão para sempre perdidos; e, à cada momento, essa riqueza interior incide continuamente sobre as moções anímicas conscientes particulares, justa- e momentaneamente, despertadas pelas vicissitudes da vida; de tal sorte que, cada uma destas agora não possa senão, ser igualmente bela e verdadeira, haja vista que a totalidade da vida anímica inconsciente relativa já em tempo possuía fora e afora esse caráter. Mas isso ainda não é tudo! Este inconsciente relativo também age sobre o inconsciente absoluto, que preside a formação e transformação do organismo; respectivamente, a própria formação de tal organismo será distinta: as feições de seu semblante assumirão certo contorno nítido e àquilo que chamamos de uma expressão nobre e de centelha dessa influência, espriar-se-á por sobre a totalidade da organização. Imaginemos agora o contrário: uma individualidade mermada aos interesses mais grosseiros e ínfimos da vida, já desenvolvera, por meio de seu inconsciente primordial e absoluto, uma organização mais tosca, biltre e deselegante, em todas as suas opiniões e pensamentos; e também essa, à cada instante, somente terá consciência de algumas poucas representações; não obstante, a peculiaridade repugnante e semianimal da totalidade desta vida anímica inconsciente relativa, não só rebaixará continuamente todas as expressões individuais de sua psique consciente e as eivará de um caráter indigno-malévolo; como também, este inconsciente relativo, igualmente, compartilhar-se-á ao inconsciente absoluto (de fato, o termo “compartilhar” – mittheilen – está sendo empregado somente de modo figurado, à compreensão, haja vista que ambos, essencialmente, sejam uma só coisa); dessarte, esse caráter não deixará de conferir a esta organização, originariamente já menos bem-sucedida, uma expressão ainda mais grotesca e vulgar, cujas feições inclinar-se-ão, cada vez mais, ao animalesco; sim, até mesmo as estruturas mais sólidas – como o esqueleto – assumirão um caráter exótico.

Entendo que seja impossível acompanhar essas considerações atentamente, sem convencer-se de que o caminho aqui enveredado, isto é, aquele modo de sempre perseguir as relações entre consciente e inconsciente, na unidade da alma, unicamente, possa levar-nos a uma compreensão mais aprofundada da totalidade da vida anímica. Afora isso, múltiplas manifestações, que alhures permanecessem inteiramente incompreensíveis, destarte, tornar-se-ão evidentes e inteiramente concebíveis; especialmente, todavia, somente a partir desta óptica, é que solo tornar-se-á compreensível, a maneira através da qual, também representações, isto é, moções da vida anímica consciente, possam influir sobre processos de formação, diga-se, sobre mudanças da vida anímica desprovida de consciência; e, inversamente, como condições da formação, sempre incidirão sobre a representação. Também isso, queremos ilustrar imediatamente, com alguns exemplos: trata-se de uma experiência bem-conhecida, que não só a sensação, mas já a representação vívida de líquidos conhecidos,

como por exemplo, do suco-de-limão, tão terminantemente desencadeie uma maior secreção do líquido salivar; bem como, por outro lado, qualquer objeto da ira, quase que instantaneamente, demande uma liberação de bile, de tal modo que, mesmo outras excreções mais brandas possam adquirir uma propriedade picante, até mesmo, venenosa, como por exemplo, o leite da amamentação. Em ambos os casos, essas redefinições das secreções mencionadas, ocorrem, sobretudo, de modo totalmente inconsciente; mas sempre também, somente porque tanto a vida anímica consciente quanto a inconsciente, em última análise, sempre permaneçam sendo essencialmente uma só coisa; e também, porque, justamente aquela mudança da secreção, que provoque uma redistribuição da vida formativa inconsciente, seja exatamente homônima àquela que anteriormente se objetivara, na consciência, sob a forma daquelas respectivas representações. A secreção biliar, ou seja, a formação de peçonha, realmente é, no inconsciente, homônima àquilo que, no consciente, seja a ira; e, tão logo a representação irada seja excitada, essa também demanda diretamente tais secreções, no inconsciente. Da mesma maneira sucede, com a sensação do paladar picante, em função do qual, diretamente, sejam ativadas aquelas secreções que unicamente sejam capazes de neutralizar o respectivo gosto forte. E este processo, necessariamente, vai além: a percepção real do sabor, sequer precisa fazer-se presente, pois basta estimular a referida representação – e, imediatamente, justamente porque esta representação esteja precisamente vinculada à vida inconsciente, daquela secreção –, para quê, instantaneamente, também a respectiva função secretora se faça presente, tão logo a representação seja despertada. Vice-versa, essas moções também podem partir do âmbito desprovido de consciência e refletir-se sobre a consciência; e, destarte, através de certas representações homônimas, fazendo com que ressurgam transfiguradamente: assim, por exemplo, uma atmosfera contaminada por gases de carvão (usado na calefação – NT), pode afetar alguém que esteja dormindo, de modo a obstruir seu processo respiratório dos pulmões e, imediatamente, suscitar, em seu consciente onírico, representações angustiantes (pesadelos), por exemplo, acerca de monstros debruçados sobre seu peito, asfixiando-o, etc. Bem assim, também torna-se possível compreender, o efeito comumente chamado de exclusivamente psíquico, de medicamentos (isto é, daqueles que afetem a esfera anímica consciente, como o ópio, o meimendo-negro – *hyoscyamus niger* – e semelhantes): estes estimulam, nomeadamente, um rearranjo do âmbito sem consciência, idêntico àquele que certos estados psíquicos conscientes suscitem, no inconsciente; e, contrário senso, portanto, a medicação, através da afecção primária do âmbito sem consciência, desencadeia, secundária- e polarizadamente, mudanças na esfera consciente.[35] Sabemos, de fato, por exemplo, que o sangue mais denso, mais carbonizado, mal aerado, por sua relação à inervação, imediatamente, condicione um estado oprimido da vida cerebral, que leva ao sono; assim como, estados aflitos do espírito e o hábito de dormir muito, reversamente, possam produzir tal constituição sanguínea. Se, portanto, uma maior dose de ópio e meimendo-negro for administrada, em um estado já mais carbonizado do sangue, essa também exercerá, de modo antagônico, imediatamente, uma influência sedativa sobre o espírito etc.

Assim como anteriormente aprendêramos a conhecer a necessidade e a espontaneidade (isto é, a capacidade de saber e fazer algo, sem o necessário treino prévio, nem o cansaço subsequente), enquanto atributos especialmente marcantes do inconsciente primordial; assim também, agora, é necessário considerar mais um atributo essencial e deveras importante, de todo o efeito anímico inconsciente, a saber, sua característica singular, à qual nos seja concedido empregar o termo, generalização; isto é, aquela conexão íntima especial, que se estabeleça essencialmente no inconsciente, à generalidade do mundo; – ou, como também poder-se-ia chamá-lo –, sua incorporação ao universal, que, especialmente, nele possa ser percebida.

Todavia, o espírito capaz de cognoscente, de fato, cedo convencer-se-á, de que a totalidade do mundo tenha, e necessite tê-la, uma concatenação orgânica interior; e que cada organismo, ainda que manifeste-se aí, somente por determinado tempo, enquanto indivíduo, em verdade e essencialmente, seja tão-somente uma fração – um órgão – um organismo-parcial, de um todo maior. Nem somenos, por isso, mediante o despertar deste espírito cognoscitivo autoconsciente, deixar-se-á de auferir-lhe diretamente, o sentimento de individualidade – o de ser aí para si –; portanto, de saber-se, sob certo modo, apartado da totalidade do universo. A partir deste momento, desponta contundentemente o contraste entre um eu e um mundo exterior e (como já observáramos anteriormente) a antítese entre necessidade e liberdade. A despeito disso, o inconsciente, embora seu anelo insaciável precise voltar-se à afirmação de certa autonomia do próprio

organismo, a fim de que, no ápice de sua existência, desde este, desenvolva-se o espírito cognoscente, encontra-se bem distante desta polarização rudimentar; pois, dentro dele, ainda flua espontaneamente, a existência geral do mundo; e, por consequência, nele ainda se excitam todas as fibras da conexão, através da qual, o individual, por toda a parte e permanentemente, esteja e precise estar conectado, ao todo. É de suma importância, pois, à consideração diligente dos organismos, nomeadamente, ponderá-los sob este viés psicológico. Portanto, segundo isso, quanto mais qualquer organismo distar da autoconsciência tanto menos, de modo geral, cunhar-se-á sua individualidade; e, tanto mais diretamente, seu inconsciente precisará ser pensando como incluso em um organismo genérico; sim, tanto mais este dependerá da maneira pela qual sua espécie viva-se aí; bem como, tanto mais, somente, afeito à percepção inconsciente, à interiorização e à intuição de todos os processos vitais deste organismo genérico. Em parte agora, se nos ativermos a esse reconhecimento, logo, muitas coisas torar-se-ão evidentes, no que se refira à história dos organismos inferiores por nós conhecidos: compreendemos, dessarte, porque proto-organismos, plantas e animais inferiores, ainda encontrem-se total- e completamente à mercê das alternâncias da vida telúrica e porque sua formação interior, como que prevendo inconscientemente, sempre se desenvolva de acordo às disposições anímicas do círculo vital em que se insiram, de modo que, por exemplo, através destas, possamos reconhecer vários pré-indicativos de mudanças atmosféricas e semelhantes, sobre as quais, nossa consciência simplesmente, em si e por si, não seja capaz de ter qualquer conhecimento mais aproximado. Por outro lado, a partir destas considerações, também decorrem os resultados mais inusitados, ao correto juízo dos processos psíquicos de nosso próprio organismo: ocorre que, efetivamente, conquanto também a nossa psique persista inicial-, e também posteriormente, em sua maior medida, no nível da inconsciência, também nela, à medida que seja inconsciente, não só percebamos inconscientemente, suas próprias condições de vida; e, através da interiorização e da intuição, às redefinamos, retroativa- e prospectivamente; como também, a mesma, enquanto ideia-parcial, inicialmente, da humanidade e, mais avante, do todo-do-mundo, precise ser permeada inconscientemente, ora mais aproximada- ora mais distantemente, por todas as moções da alma da humanidade e das almas do mundo. É necessário, todavia, também neste contexto, inicialmente, ter perfeita- e nitidamente presente, que este ser perpassado, em parte, somente ocorra em relações extremamente distantes; mas que, ainda assim, essas ocorram real- e verdadeiramente, em algum grau. Isso porque, já àquilo que mecanicamente seja demonstrável como atração entre massas permeie o mundo de modo bem-similar, às vezes mais e outras menos, perceptivelmente. Para ilustrarmos isso, consideremos, por exemplo, que assim como não possa haver qualquer dúvida de que, independentemente da gravitação entre si, isto é, da atração recíproca entre corpos-celestes, seja fato confirmado que, igualmente, qualquer porção mínima de massa a pairar livremente, também atraia outra, bem-maior; ou seja atraída por esta, de acordo à proporcionalidade entre suas massas: a pedra que caia, isto é, o pequeno corpo em queda na atmosfera, é atraído tão potently pela Terra, tantas vezes maior; mesmo assim, por seu turno, nem por isso, deixará de atrair menos a própria Terra, embora, dada sua incomensurável ninharia, tampouco a percebamos quanto, por exemplo, a propagação sísmica, causada por alguma explosão artificial, sobre o todo da massa telúrica; difusão essa, sobre a qual, ainda assim, o matemático inglês Babagge [36], efetuara cálculos tão interessantes, que apontassem à enésima potência, em relação a cada um destes efeitos. De modo similar, segundo isso, é possível cogitar, que o todo do reino da vida inconsciente em nós, de alguma maneira, seja aficionado e necessite sê-lo, pela totalidade dos círculos-de-vida da humanidade, da vida terrestre; sim, até mesmo, da vida do universo, justamente porque este se apresente decididamente como parte integradora dessa totalidade; somente a maneira como este inconsciente seja aficionado, evidentemente, neste contexto, será infinitamente diversificada. Enquanto, por exemplo, dos movimentos dos corpos celestes, que se encontrem para além da Terra, com exceção ao do Sol e ao da Lua, incida bem-pouco, sobre a percepção inconsciente de nosso interior, a ponto de podermos compará-lo àquela atração exercida pela pedra que caia, em relação à Terra; e, enquanto o efeito das massas humanas distantes de nós, igualmente permaneça totalmente alheio à nossa percepção inconsciente, por outro lado, as alternâncias das disposições elétricas e magnéticas de nosso planeta, bem como, as da atmosfera, exercem uma influência tão profunda sobre nossa vida inconsciente, quanto as mudanças de vida, provocadas por pessoas que nos sejam tanto mais próximas. Sim, de acordo com isso, nesse círculo, as interações são muitas vezes, inclusive, as mais essenciais; e, ainda assim, todas

elas são somente, originariamente, inconscientes, embora, mediante certas circunstâncias, algo desde este reino noturnal, possa, mui bem, realmente compartilhar-se à região consciente. Dessarte, já desde aqui, podemos presumir algo daquilo, a ser discutido mais de perto em seguida, a saber, como, de fato, essa estranha visão a distância – seja via sonho ou estado-desperto, de relações concernentes ou a processos telúricos, celestes ou aos destinos das pessoas; ou ainda, a essas manifestações singulares de raporte magnético recíproco de pessoas distantes entre si, bem como, tantas outras coisas mais, que permanecessem um enigma indecifrável à psicologia convencional, até hoje –, somente mediante essas considerações, alcançará sua completa elucidação. Neste tocante, já a consideração da vida-embriônica, em sua relação à vida da mãe, fornece-nos elementos bem marcantes: no ser humano, ainda embrionicamente encapsulado, de fato, a consciência sequer despertara, de modo geral, e ainda opera zelosa-, só- e inteiramente, o inconsciente absoluto e geral; e, justamente por isso, sua relação mais íntima se estabelece com o círculo-vital da mãe que o envolve. Inconscientemente, as excitações da vida materna, permeiam tal indivíduo por devir e, somente a partir destas, única- e verdadeiramente, é que tornar-se-nos-á compreensível, o fascinante caso ineludível, mediante certas condições, da assim chamada provisão – processo esse que, mais do que qualquer outro, torne explícito, quão tenra possa ser a conexão, que conecte duas vidas entre si. Pois, domo já podemos cientificar-nos, em nossa existência consciente, que, não raro, qualquer representação vívida, da alma consciente, relacionada à alguma parte específica do corpo, possa instaurar, instantânea- e indeliberadamente, certa sensação na mesma; ou mesmo, alguma mudança determinada de sua função (como exemplos, podem ser citados, a sensação singular que podemos sentir em nossos olhos, ao imaginarmos vividamente, como seria se estes fossem perfurados por uma faca; ou, igualmente, a sensação de secreção salivar na boca, mediante a representação vívida de um limão cortado etc.). Dessarte, portanto, evidenciam-se, avançando bem mais além, inclusive, no provimento da mulher grávida, que, uma representação vívida da mãe, de qualquer ferimento ou desfiguração em geral, não só possa afetar a vida da mãe, que se tornara mais livre, mediante o desenvolvimento da consciência, como também, contrário senso, mui decisivamente, aquela vida ainda inconsciente da criança, intimamente intrincada à vida da mãe, de modo que, realmente, afete sua vida e lá possa produzir uma deformidade semelhante à imaginada. A razão disso, por conseguinte, aparentemente, não reside somente no fato de que a vida formativa da criança, em sentido lato, ainda encontre-se em uma fase muito maior de delicadeza e maleabilidade; mas, sobretudo e principalmente, no fato de que a inconsciência, no embrião, ainda seja absoluta e integral; e que, por isso, aquilo que chamamos de incorporação ao geral ou superior, necessariamente ainda, precise asseverar-se, da maneira mais íntima, neste contexto. Justamente por isso, o ditado inglês, de modo algum é inverídico, quando afirma: “a criação da criança principia nove meses antes de seu nascimento”. Isso porque esta, sobretudo, ainda se encontre justamente naquele inconsciente maior; e destarte, em um estado de inserção íntimo em um todo maior, de modo que o embrião, necessariamente participará bem mais de tudo àquilo que comova a mãe, em cujo colo repouse, do que daquilo no qual o ser humano já nascido poderá tomar parte posteriormente, em seu derredor. Além do quê depreende-se, por conta própria, que esta lei necessariamente ainda terá aplicações importantes à compreensão da vida psíquica do mundo animal.

Daquilo que fora dito, não obstante, ainda resulta algo mui curioso e, nestes termos, até agora irreconhecido, no que concirna à vida anímica humana consciente: já que, como dito acima, nomeadamente, tudo aquilo que pertença à vida anímica consciente, nem sempre persista na consciência; mas, periódica- e reiteradamente, reingresse à inconsciente; por conseguinte, também, aquilo que ora tornara-se inconsciente, necessita fazer jus à lei do inconsciente geral e contribuir para que, aquilo que já estivera na consciência e posteriormente, amiúde, regresse a ela, durante sua inconsciência, cada vez mais, estabeleça um raporte ao inconsciente geral para, por meio disso, sempre modificar algo a mais, dentro de si. Esta observação é, ao mesmo tempo, de excepcional importância, para muitos processos da vida anímica: cada um de nós, certamente, já fizera a experiência consigo mesmo, de que, qualquer impressão ou representação, após repouso inconsciente, por longo período, na alma, ao ser novamente evocada à consciência; ou quando ela, segundo a própria dinâmica regular da vida anímica (sobre a qual, ainda falaremos, mais adiante), redespertar por conta própria, ao reemergir, sempre houvera se tornado um tanto diferente, sob algum aspecto; e que, a partir de então, ela não será mais completamente idêntica à sua forma anterior. Em casos individualizados, talvez

a representação houvera sido potencializada, terá ganho em beleza, volume e diversidade; já n'outros, como que terá regredido e perdido em beleza, plenitude e potência. Aqui, pois, onde, em parte, as relações à essencialidade do indivíduo, propriamente dito; mas, em outra também, o raporte mais íntimo, que a vida anímica inconsciente tenha à totalidade da natureza exterior, haverá de incidir sobre a remodelação e formação da representação. Portanto, quanto mais nobre e elevada a ideia basal desta existência; quanto mais refinado e diversificado o raporte com o macrocosmo, tanto mais incrementar-se-á a formação mais precisa da representação – o pensamento –, por meio dessa imersão à inconsciência; quanto mais incipiente a ideia e débil seu raporte geral tanto maior o risco de que também a representação individual sofra, por decorrência, algum tipo de retrocesso. Dessarte, não fora sem razão mais profunda, que já se ouvira, de muitos artistas – poetas – pensadores, a seguinte expressão: “somente uma longa permanência na alma, de um pensamento elementar, é que sempre favorecera o amadurecimento de alguma obra relevante – e, cada tentativa de transpor afoitamente tal raciocínio em uma performance real, seja em uma obra-de-arte ou -científica, sempre prejudicava sua plena consumação interior”[37]; isso porque, mesmo que em tais situações, naturalmente, a múltipla e reiterada reflexão consciente, real- e essencialmente, fomenta a respectiva obra, neste contexto, sobretudo, certamente sempre, ainda seja mais fundamental, cada vez mais, ir ao encontro daquele crescimento inconsciente da representação, na interioridade. Ademais, isso não vale somente às representações, pensamentos e sequências de raciocínios isolados, a saber, que um retorno ao inconsciente, incremente- e fortaleça-os; mas também, ao indivíduo, de modo geral, à totalidade da ideia fundamental do organismo: o atávico mito de Anteu, o filho da Terra, que, a cada contato com a mãe, ganhava novas forças, repete-se, em relação ao inconsciente, em cada ser humano: expressamente, isso ocorre, no que diga respeito à alma consciente, pelo inegável efeito relaxante do sono; isto é, justa- e principalmente, em função do periódico retorno à inconsciência. Quantas vezes não nos deparamos, pois, com o dado de que um pensamento que resistisse em tornar-se inteiramente diáfano; ou uma relação, que teimasse em não deixar-se estabelecer, muitas vezes, mediante uma breve imersão em sono sereno, como de supetão, despontasse translucidamente à consciência; até mesmo, que algumas lembranças isoladas, que, eventualmente, houvessem desvanecido com o tempo, repentinamente, após tal breve escapada da consciência, ressurgam, cristalina- e precisamente, à alma. Todas essas, são relações que somente tornam-se compreensíveis, à medida que saibamos, que no inconsciente, por assim dizer, reine uma maior generalização da vida; e que, em função disso, tudo aquilo que mergulhar nessa inconsciência, também necessariamente, de algum modo, terá parte nesta generalização.

Todavia, não só em função do aumento do raporte geral, é que a vida anímica consciente seja transformada, por meio de seu afundamento à inconsciência; mas também, o incremento de sua energia e produtividade, adquirido por esse processo, ainda encerra outra relação mui essencial: justa- e nomeadamente, porque o inconsciente seja o primordial e porque seu viver aí esteja, o mais intimamente possível, amalgamado à vida geral, não obstante e especialmente – como mostráramos mais acima, haja vista que ao inconsciente sequer se aplique o conceito de fadiga –, o abatimento, o cansaço, que atinge toda a vida consciente, quando de sua atuação prolongada, necessariamente, possa ser minorado, tão logo a alma, de certo modo, desista e retorne totalmente à esfera da inconsciência, por algum tempo. Toda a atividade, portanto, através deste regresso, volta a ser assim como fora originariamente: ela reingressara àquela forma de vida psíquica, à qual não se aplicam as categorias de aprendizado, treinamento, ou mesmo, de esquecimento do aprendido; mas, na qual, tudo se dá a partir da autoridade absoluta interior própria, isto é, divina. E, a isso necessariamente vincula-se, que o abatimento, a exaustão, que somente tornara-se possível lá onde a vida individual tentara destacar-se temporariamente do fluxo, da geral, enquanto uma especial, ora, espontaneamente, por meio da renúncia dessa individualidade, realmente, amiúde, em sua maior parte ou totalmente, precise ser suspensa e posta de lado. O fato de que nada contribua tanto ao restabelecimento de uma alma, exaurida pela atividade consciente; e de que nada diminua mais a tensão advinda da vida anímica consciente, do que um, muitas vezes, um breve cochilo; além do fato de que o fortalecimento, que nossa vida anímica consciente diariamente experimenta, através do sono regular e recorrente noturno; sim, até mesmo, o fato de que, após às mais intensas aflições da vida consciente, não raramente, suceda um desfalecimento – isto é, justamente uma renúncia temporária total à consciência – seja o que pode, da melhor maneira possível, aquietar a vida

extenuada, e recapacitá-la, a novos esforços exigentes; todos esses fatos já eram conhecidos, desde longa data, e deles, os médicos já deduziram diversas consequências importantes à sua práxis; só que lhes faltara ainda, não obstante, a explicação de tal processo, que recém aqui, encontre sua comprovação cabal.

1.5 Acerca dos estados doentios que possam acometer à vida anímica inconsciente

Após as investigações anteriores concluírem que o inconsciente primitivo, à medida que seja a primeira revelação da ideia, isto é, de algo divino, que dever-se-á considerar como existente, a partir de sua autoridade absoluta própria, e, portanto, não sujeito à fadiga; bem como, não necessite de qualquer treinamento gradativo, às suas atividades vitais; ora, tornar-se-á necessário questionar, se o conceito de adoecimento poderia ter algum tipo de aplicação a essa vida? A ver, logo acharemos, que em relação ao inconsciente primitivo e absoluto, de modo algum, possa falar-se de doença. A doença, em verdade, conquanto seu conceito se baseie na suposição de que, dentro de um mesmo organismo, paralelamente à ideia de vida que determine sua essência mais-íntima, ainda outra se faça valer, quiçá exógena, e que, por isso, a vida-própria especial deste organismo, seja cerceada e atrapalhada, pressupõe sempre certa liberdade para abandonar a trajetória de vida originariamente pré-traçada; e para desviar-se, de algum modo, desta senda da vida prescrita, enquanto necessidade férrea. Justamente essa é a razão por que, quanto mais retrocedermos, na escala de patamares de desenvolvimento dos seres, tanto mais afastar-nos-emos do conceito de liberdade e, tanto mais, constataremos a diminuição da ocorrência de doenças. Entre todas as criaturas por nós conhecidas, o ser humano tem a triste prerrogativa de apresentar a maior diversidade de doenças; já, no reino da fauna, tanto a frequência quanto a variedade de adoecimentos, diminua; e, quanto à flora, já nem entram mais em questão, as principais formas de doença das criaturas superiores, como febres e inflamações; e, nos organismos telúricos e cósmicos, o conceito de doença, de modo geral, sequer se aplique. Na mesma proporção, portanto, que a ideia da vida ascenda à consciência e, justamente mediante isso também, a liberdade, cresce a pré-disposição e a realidade do adoecimento; pois, embora seja o destino de todos os organismos, a destruição e a morte, haja vista sua temporalidade, e não eternidade, essa ocorre menos por doença, como é o caso no ser humano; mas, por exemplo, por esmagamento, pela queda de alguma rocha ou por outra maneira violenta qualquer. Isso tudo aponta para o dado de que a vida anímica inconsciente, segundo sua essência, não devesse ser sujeita à doença; não obstante, isso parece estar, por outro lado, na mais decisiva contradição à constatação de que, no organismo humano, justamente aqueles sistemas e órgãos, que menos têm parte na consciência e sejam totalmente regidos pela psique inconsciente, adoecem bem mais, e mais variavelmente, em relação àqueles que, especialmente, despertem à consciência. De longe, a maior frequência de adoecimento, nomeadamente, faz-se notar na vida sanguínea, na do aparelho digestivo, na do sistema glandular, na dos órgãos secretores e excretores, etc.; e, justamente aquelas esferas de vida que mais e, verdadeiramente, sejam as únicas despertadas à consciência – a saber, as do sistema neural, conjuntamente, ao do medular e cerebral, sejam as que muito mais raramente tornem-se assento principal às doenças. Essa contradição, todavia, é apenas aparente. É necessário considerar, que toda doença, em verdade, seja geral: quando ocorre que, em um organismo antes tido por normal, se desenvolva um organismo doentio particular, nada do anterior manter-se-á perfeitamente normal. O organismo é uma totalidade – e é somente assim que ele, de modo geral, torna-se possível – e se, por isso, tão logo essa não seja mais movida por um princípio único; mas um segundo princípio alhures se lhe imponha, logo, aquela ideia de vida primordial não conseguirá mais revelar-se em nenhum lugar, mediante sua essencialidade verdadeira; em lugar algum poderá continuar mais havendo, um estado perfeitamente cristalino normal. Onde, por isso, sempre quando desenvolver-se uma doença em nós, ainda que aparentemente tópica, esta jamais adoecerá somente esta ou aquela estrutura individual; mas, o ser humano todo, estará doente; só que, sofrerá especialmente mais n'uma ou n'outra parte. Muitas vezes, essas perturbações do bem-estar geral, realmente são bem insignificantes; não obstante, qualquer óbice – adoecimentos, até certo grau –, nem por isso, deixará de fazer-se denotar menos, por toda a parte; caso contrário, o organismo sequer poderia existir realmente e enquanto uma totalidade em si.

Constatamos agora, não obstante, que há certa sequência de etapas, na disposição ao adoecimento, de acordo à ordem de dignidade dos diferentes círculos de vida, que se encontram na totalidade do organismo: identificamos, que os círculos mais elevados, nos quais a ideia se viva aí mais pura- e intimamente, resistam muito mais à ideia exógena ao organismo, que traga a doença, e também asseverem mais categoricamente sua integridade; ao passo que os círculos de vida inferiores, aos quais fosse auferida uma maior possibilidade de interação com o mundo exterior e uma constante renovação dos elementos do organismo, estejam mais abertos às impressões exercidas por este e também, mais facilmente, se submetam a ideias alheias. Em vista disso, já pressupõe um elevado grau de adoecimento, para que o sistema nervoso, ou mesmo o cérebro, portanto, a região mais própria da vida consciente, seja alterado, de alguma maneira significativa; em contrapartida, cada, mesmo o mais leve adoecimento, usa acometer a atividade dos sistemas sanguíneo, alimentar, secretor, etc. Isso não sucede, portanto, porque essas regiões sirvam à vida anímica inconsciente; mas, porque – tão logo o organismo adoença – aquela região mais ínfima e voltada ao mundo exterior, que justamente é a da vida anímica inconsciente, também, tanto mais, perecerá face ao princípio estranho, isto é, à ideia da doença; e é exatamente, por isso, que concluímos que essas regiões que vivam inconscientemente sejam mais sujeitas à doença, que as conscientes. Do mesmo modo, não é a esfera superior – a consciente –, a diretamente acometida pela doença, porque seja a consciente; mas, porque nela se documente, da maneira patente, a autonomia e a liberdade do organismo. Em contraparte, a natureza interior divina do inconsciente evidencia-se no seu ser originariamente alheio ao conceito de doença, por sua saúde primordial inesgotável e, dir-se-ia, simultaneamente, por sua peculiar sabedoria inconsciente, nomeadamente, no fato de que toda a dinâmica do organismo, que se oponha ao princípio da doença e também aspire à convalescença, da vida adoentada ao estado saudável, pertença unicamente à vida anímica inconsciente.

Aqui, amiúde, deparamo-nos com um dos lados mais enigmáticos da inconsciência, sobre o qual igualmente recaia, desde esta perspectiva, um bem novo facho-de-luz e, pela primeira vez, adquira sua explicação verdadeira: na medida em que, ao mesmo tempo, a partir destas considerações resulte, da maneira mais nítida possível, que a doença, de fato, não possua qualquer poder sobre o reino da vida anímica verdadeiramente inconsciente e que seja absolutamente verdadeira, a sentença que afirma que o conceito de doença, em si e por si, tampouco exista inteiramente na ação zelosa inconsciente de um divino, quanto, em sentido moral, o conceito do mal; ambos, tanto a doença – o mal físico – quanto o mal – como doença psíquica –, somente surgem mediante os conceitos do arbítrio, da maior autonomia e da liberdade. Por isso dizíamos, que o inconsciente psíquico em nós seja aquilo que mais duradoura- e frequentemente negue a doença – embora também, seja o que mais sofra, sob seu efeito –; como também, seja o que mais resolutamente a combata e, justamente por isso, também provoque sua gradativa ablação, em uma miríade de casos. Todavia, daqui não faz parte, de forma alguma, somente aquilo que diga respeito ao inconsciente que, temporariamente, possa ascender a um estado de consciência turva; nem aquilo que convenciamos chamar de instinto à escolha do recurso mais adequado à autocura; mas, muito mais para além disso, aquela moção maravilhosa e secreta interior da vida inconsciente, a assim chamada, força curativa natural ou o médico interior do ser humano, através de cuja ação, passo a passo, doenças sejam solapadas; e, por meio da qual também, aquilo que os médicos denominam de “crises” sejam suscitadas e que, muitas vezes, mediante mudanças bem peculiares da atividade orgânica, fazem com que a saúde seja reestabelecida, mediante uma celeridade notável. Justamente por isso, estes processos estranhos surgem tanto mais resolutamente quanto mais a consciência seja reprimida; quanto menos estimulado por impressões sensoriais tanto mais perfeitamente sereno e aquietado o organismo permanecerá voltado ao seu interior. Muitas vezes, inclusive, a consciência precisa sumir completamente, como ocorre, por exemplo, no sono profundo ou no desmaio, para que, somente então, essas manifestações possam surgir. Esses processos são importantes, sob todas as relações, porém, especialmente para o médico; e recém poderão ser compreendidos plenamente, quando se tenha assimilado que seja justamente a consciência que, de fato, condicione a doença e que o inconsciente absoluto nada saiba a seu respeito. Portanto, assim como encontrar-se-á, em relação à consciência, que, sob todas as representações nitidamente pensadas e sentidas, subjaza um fosco, todavia, mais bem definido e seguro, jamais errático – que, em vista disso, mui caracteristicamente, chamemos de “consciência moral” [38] –, o qual, sempre que ocorram desvios, chamadas de – o mal –, amiúde, aponte ao fulcro reto e

puro. Dessarte, o ser orgânico inconsciente que em si nada saiba de doença, volta-se contra o adoecimento e, sempre de novo, esmera-se pelo reestabelecimento da saúde e daquilo que usualmente encontramos caracterizado sob a designação de força natural de cura. É necessário, ademais, notar expressamente, que essa ação zelosa inconsciente pelo reestabelecimento da condição natural-saudável do organismo, de modo algum, somente desponte quando, de fato, surjam doenças; mas que a mesma, igualmente, faça-se valer diante de qualquer tipo de dano externo: uma lesão, uma contusão, um osso quebrado que, em si, não seja doença; isto é, embora implique um melindre à vida verdadeiramente apropriada do organismo, todavia, não seja consequência da assimilação peculiar de uma ideia de doença alheia, pelo organismo; e sim, de uma incidência violenta direta de alguma força do mundo exterior. Contudo, ambos os casos, seja o da lesão ou o da doença, ora requeiram e estimulem uma ação determinada do organismo contundido ou adoecido: aqueles processos empregados pela vida inconsciente, no reestabelecimento ante alguma lesão, são, por isso, não menos fascinantes, que o efeito terapêutico da psique inconsciente, em face de doenças reais; sim, eles são de uma sabedoria que, em cada passo, suscitem a admiração do médico que os acompanhe cuidadosamente. Já a simples cicatrização de um vaso sanguíneo rompido e a interrupção da hemorragia constituem, neste sentido, um processo da mais elevada importância: como, gradativamente, a corrente sanguínea enverede em outra direção e, mediante isso, suspenda sua pressão sobre os locais contundidos; como as próprias paredes internas destes dutos se contraíam paulatinamente; como, por meio da coagulação sanguínea, surja aquela estrutura peculiar, que denominamos de trombo; e como, a partir de então, os processos vegetativos apropriados sejam estimulados, sob cuja influência, sem que nada disso ascenda à consciência, seja desencadeada a sutura da ferida; enquanto que, simultaneamente, vasos capilares, inteiramente novos, se formem, reestabelecendo, com tamanha perfeição, o fluxo sanguíneo, na região contundida – isso tudo demanda as mais diversas análises. Mediante fascínio parecido, ocorre a cura de um osso-quebrado ou a restauração de uma parte amputada; e, entre os animais inferiores, inclusive, a substituição integral, de membros perdidos. Todas essas são moções peculiares da psique inconsciente; e, quando já afirmara mais acima que, de fato, a verdadeira tarefa mais elevada do saber somente possa ser aquela de introduzir-se, conscientemente, às profundezas da vida anímica inconsciente do cosmo; logo, tanto mais, trata-se de uma tarefa especial do conhecimento médico, a de perscrutar essas moções da arte de cura inconsciente e fomentá-las deliberadamente, o melhor possível, para, muitas vezes também, em casos apropriados, imitá-las; e, especialmente, fazer com que sejam trazidas ao conhecimento mais preciso.

Que o exposto até aqui tenha sido suficiente para proporcionar, em sentido lato, uma noção adequada da relação entre a doença e a vida anímica inconsciente; por outro lado, quantas páginas importantes, à própria história das doenças, poder-se-ia disponibilizar, se reelaboradas a partir desta perspectiva –, isso aqui mal pode ser inferido.

Carl Gustav Carus

(*) Carl Gustav Carus (1789-1869) foi um médico, naturalista e filósofo alemão do século XIX. Nascido em 3 de janeiro de 1789 em Leipzig, Alemanha, Carus estudou medicina na Universidade de Leipzig, onde mais tarde se tornou professor de obstetrícia e ginecologia. Além de sua prática médica, Carus teve uma influência significativa em várias áreas, incluindo pintura, filosofia, psicologia e integração do biológico e do psicológico. Na psicologia, Carus fez importantes contribuições para o estudo do inconsciente e para a compreensão da mente humana. Suas ideias sobre a relação entre corpo e mente influenciaram o desenvolvimento posterior da psicanálise e da psicologia profunda. Ele advogava por uma visão holística do ser humano, integrando aspectos biológicos e psicológicos em sua compreensão da mente e do comportamento humano. Além de seu trabalho científico, Carus era um talentoso artista e músico. Suas habilidades em pintura e música refletiam seu enfoque estético e filosófico do mundo natural. Carl Gustav Carus faleceu em 28 de julho de 1869 em Dresden, Alemanha, deixando um legado duradouro na medicina, ciência, filosofia e psicologia do século XIX.

NOTA: Este texto corresponde à primeira parte do Capítulo 1. Da Vida Inconsciente da Alma (páginas 55 a 92) do livro “Carus: Psique: Sobre a história do desenvolvimento da alma”, de Carl Gustav Carus. Traduzido do alemão para o português por Sidnei Vilmar Noé

CARUS, Carl Gustav. *Psyche: Zur Entwicklungsgeschichte der Seele*. Pfarzheim: Flammer e Hoffman, 1946. 385 pp. (edición alemana).

CARUS, Carl Gustav. *Psique: sobre a história do desenvolvimento da alma*. Tradução Prof. Dr Sidnei Vilmar Noé. Pfarzheim: Flammer e Hoffman, 1946. 385 pp. (edición portuguesa).

NOTAS:

[29] Trata-se de Christoph Wilhelm Friedrich Hufeland (1762-1836) – NT.

[30] Este tempo é necessário, no ser humano, para que os espermatozoides alcancem o folículo; em alguns animais, como por exemplo, na corça, podem passar semanas, desde a cópula, até que ocorra este contato, isto é, a fertilização propriamente dita.

[31] Cf. C. G. CARUS, *Sistema da Fisiologia*, vol. 1, p. 118.

[32] Cf. F. W. J. SCHELLING, *System des transzendentalen Idealismus*, p. 10 s. Note-se que o autor cita de memória a referida passagem, pois ela consta sem indicação de fonte e reproduz literalmente somente a última frase do original: „Die vollendete Theorie der Natur würde diejenige sein, kraft welcher die ganze Natur sich in eine Intelligenz auflöste.” – NT.

[33] Texto original: “Nach dem Gesetz, wonach du angetreten. So muß du sein, du kannst dir nicht entflieh’n, und keine Zeit und keine Macht zerstückelt geprägte Form, die lebend sich entwickelt.” Trata-se aqui de uma citação literal de uma parte do primeiro dos cinco poemas, que leva o subtítulo “Daimon, Dämon”, escritos em 7 e 8 de outubro de 1817, sob o título »Urworte. Orphisch« (Palavras ancestrais, órficas) e publicados originalmente em 1820, nos cadernos Sobre a Morfologia e, simultaneamente, lançados em sua obra Sobre a Arte e Antiguidade, com explicações próprias, na qual Johann Wolfgang von GOETHE reflete sobre os cinco conceitos correspondentes às potências que supostamente regem a vida humana: Daimon (espírito, gênio), Tyche (acaso), Eros (paixão), Ananke (destino, sina) e Elpis (esperança). Cf. J. W. von Goethe, *Berliner Ausgabe, Kunsttheoretische Schriften und Übersetzungen* [volumes 17–22], vol. 17, Berlin, 1960. Note-se, que C. G. CARUS, aparentemente de modo consciente, exclui a 1ª. parte do poema que reza: “Wie an dem Tag, der dich der Welt verliehen, die Sonne stand zum Gruße der Planeten, bist alsobald und fort und fort gediehen «nach dem Gesetz, wonach du angetreten.»...“ (Assim como no dia, que te emprestara ao mundo, o sol se alinhara, para cumprimentar os planetas, logo e continuamente, vicejaste, acorde à lei...”. Poder-se-ia inferir que a menção à astronomia (astrologia?) em J. W. von GOETHE não fora perfeitamente compatível à ideia “deísta” de C. G. CARUS. Por conseguinte, também poder-se-ia supor que o primeiro assumisse uma cosmogonia mais radicalmente naturalista, ou seja, que tudo está interligado e predestinado, segundo leis que regem esse todo, enquanto que o segundo, embora advogando a organicidade de tudo, defendia a liberdade e a individualidade, a partir da ideia divina, que confira direção e sentido, especialmente, ao ser humano consciente de si mesmo. O autor também suprime a frase seguinte, que se encontra no original entre “dir kannst du nicht entfliehen,” (não podes esquivar-te de ti mesmo,) e “und keine Zeit und keine Macht zerstückelt...” (e tempo ou poder algum fragmentará...), a saber, “so sagten schon Sibyllen, so Propheten...” (Assim já diziam Sibilas, também Profetas...). Em consonância, a referência também pode ser compreendida como um fundamento adicional à hipótese de interpretação proposta: Sibilas e Profetas predizem o futuro, a partir da sua capacidade de reconhecimento do futuro inextricável. Este tipo de “predestinação”, ou servo arbítrio; portanto, não compartilha a ideia de livre-arbítrio que, grosso modo, demanda da liberdade da ideia absoluta, Deus, cuja extensão encontra-se potencialmente (inconscientemente!) na ideia peculiar da alma humana e que pode realizar-se em ato sob a forma de espírito autoconsciente, e que fora, até aqui, sustentada por C. G. CARUS. Todavia, há de se mencionar também, que a posposta distinção entre as supostas “Weltanschauungen” (cosmovisões) não é tão precisa assim, haja vista que ambos os autores se encontrem na compreensão deste todo, como um uno essencialmente interligado; somente talvez poder-se-ia mencionar, que o primeiro prescindia da ideia de “deus”, enquanto o segundo a pressupunha, enquanto elo que cinja, sustente e confira sentido a esse uno. Cabe observar ainda, que a tradução aqui proposta apresenta uma precisão maior em relação àquela referida em S. V. NOÉ, Quando a ideia se autorreconhece, p. 162.

[34] Aqui o autor emprega um jogo de palavras na língua alemã que literalmente compõe um mesmo campo semântico: “Innerung” e “Erinnerung”, respectivamente, interiorização e memória ou lembrança.

[35] Aqui possivelmente há um erro no original, pois o paralelismo antitético aqui proposto exigiria a justaposição “no consciente” e não como consta, “no inconsciente” – NT.

[36] Trata-se do matemático britânico Charles Babbage (1791-1871) – NT.

[37] As aspas remetem à uma citação indireta, cuja fonte não é referida, nem conhecida; possivelmente trata-se de uma autocitação – NT.

[38] Neste caso, trata-se da consciência moral e não da consciência que o autor equipara à compreensão da ideia que dera origem àquele respectivo ser humano. Na língua alemã são termos distintos: Gewissen, consciência moral e Bewusstsein, consciência, neste contexto, autoconsciência, Selbstbewusstsein e, por extensão, Gottesbewusstsein, consciência de Deus que, não obstante, possuam um radical comum – wissen, em gros, ‘saber’. Portanto, trata-se de redundâncias, em sentido semântico, falar em ‘saber consciente ou inconsciente’. Aliás, nas línguas latinas essa semântica é preservada pelo radical ‘ciência’ – NT.